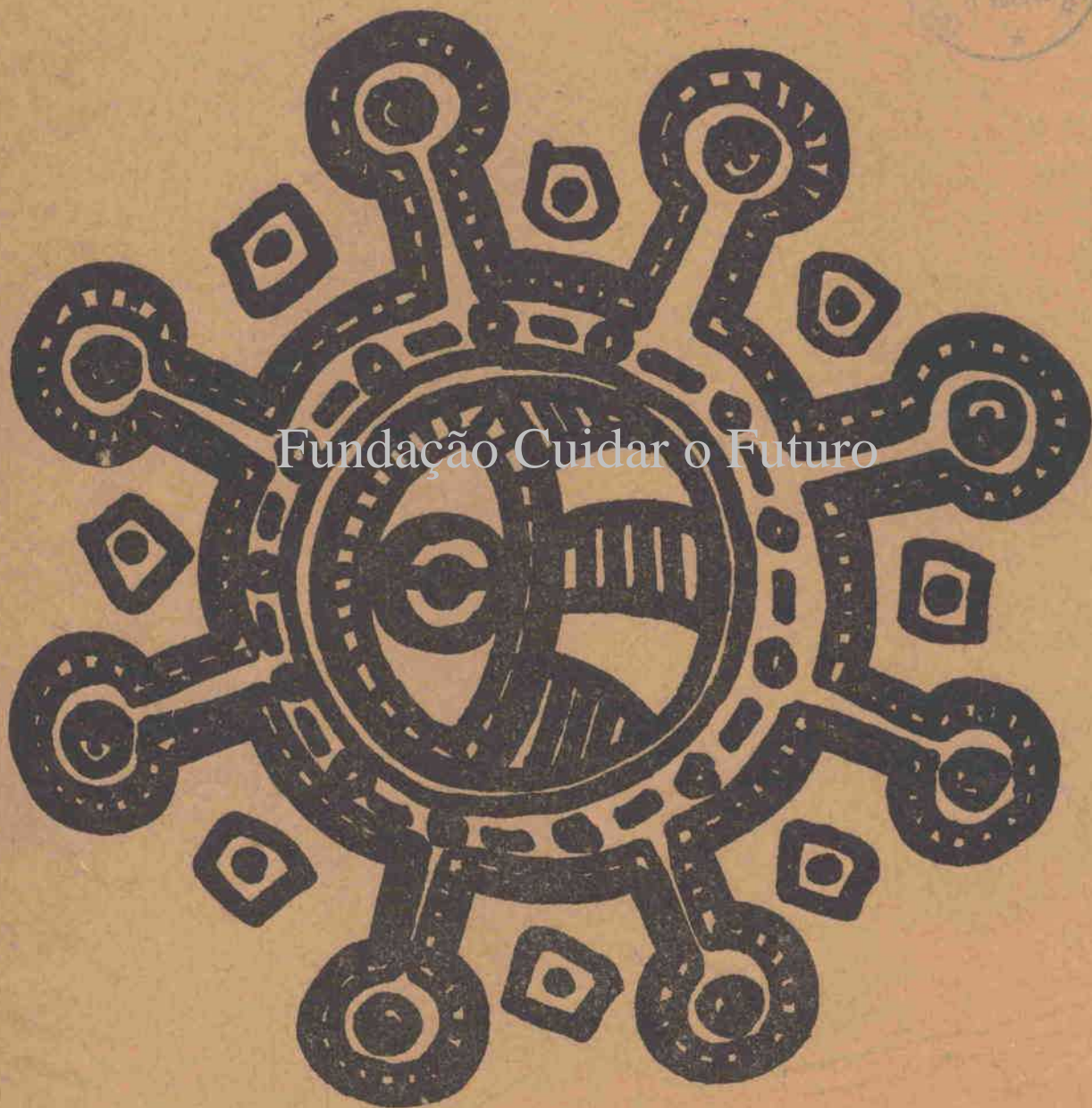


# presença



Fundação Cuidar o Futuro







# presença

MAIO DE 1958

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r/c.-D.

FILIADA NA PAX ROMANA

EDITADA PELA J. U. C. F.

# sumário

## Fundação Cuidar o Futuro

editorial

nota litúrgica

som

coordenadas fundamentais da  
educação cristã

a educação através dos tempos  
o impressionismo

S. Francisco de Assis, um santo  
actual

Bernanos ou o profeta da alegria

ver para pensar

de quem se fala

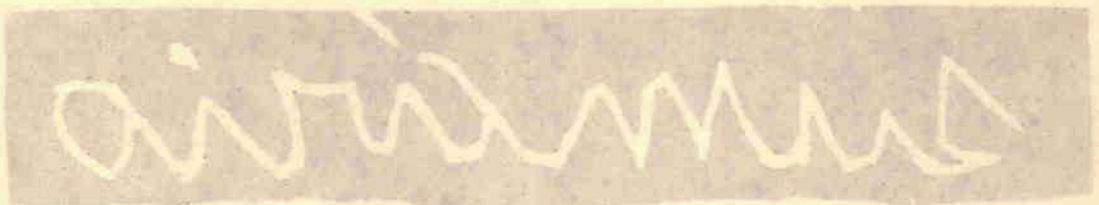


MAIO DE 1988

Redação: Av. Duque de Loulé, 90, 140-0

FILIAL DA PAX ROMANA

EDITADA PELA J. U. C. F.



# Fundação Cuidar o Futuro

nota lírica  
 com  
 coordenadas fundamentais de  
 educação cristã  
 a educação através dos tempos  
 o impressionismo  
 2. Francisco de Assis, um santo  
 actual  
 parâmetros ou o profeta da escola  
 ver para pensar  
 de quem se fala

# educação



Não há época alguma da história em que o «educar» se não tenha apresentado como a questão primordial concernente ao indivíduo; ou que, por intermédio dos seus homens mais interessados no problema educativo, não tenha buscado, e por vezes afanosamente, conceitos que se afigurassem mais exactos, meios mais eficientes; que não tivesse proposto novos métodos, aconselhado mais seguros processos.

Educar, surge sempre como fazer o homem desabrochar, de um estado incipiente de capacidades em potência, para um estado adulto em que essas capacidades se actualizaram num grau máximo; trata-se de encontrar, para cada ser, a sua forma típica, a qual, numa perspectiva cristã, só pode ser a que se coloca na própria linha do nosso destino de criaturas elevadas, pela graça, à sobrenatureza; só pode ser a que tende a formar em cada homem, num critério de respeito fundamental pelo núcleo da sua personalidade, o perfil do Mestre dos homens, do Homem Perfeito, que foi, também Ele, o grande Pedagogo.

Como Universitárias cabe-nos encarar, de modo especialmente esclarecido e dinâmico, todo o problema educativo; e dispormo-nos, desde já, para o contributo de solução que havemos de dar, não através de uma preparação livresca, puramente teórica, mas de uma aprendizagem do sentido e da comunicação dos valores, dos valores de Beleza, Verdade e Bem, que, através de nós, hão-de ser captados e assimilados pelos outros.

De nós depende que esses valores sejam transmitidos intactos ou deformados por erradas filosofias; e nós queremos que eles surjam autênticos, de espíritos sãos e livres.

A Educação é obra de vida; nela fica, portanto, implicado tudo o que somos e o que temos e, como tal, não poderá nunca ser levantada à margem da vida real, independentemente dos valores que a compõem e a enquadram. Daí a nossa grave e pesada responsabilidade: os critérios que agora radicarmos em nós, são aqueles que havemos de comunicar; as idéias e os conhecimentos que adquirirmos são os que iremos fazer despontar em cada um dos que viermos a educar; até os nossos próprios métodos e hábitos, criados agora, hão-de ser os que, amanhã, conseguiremos inculcar nos outros.

Pensaremos nós, nós que mais um pouco de tempo e iremos educar, que a educação começa por nós mesmas e que... já começou?

«Este é o dia que o Senhor fez. Exultemos e rejubilemos nele, aleluia». Páscoa — tempo de ressurreição, tempo de esperança, tempo de alegria, tempo de paz.

«Por suas chagas fomos sarados». Ressuscitámos em Cristo para a vida nova que Ele nos alcançou pela Cruz.

«Se ressuscitastes com Cristo, buscai o que é do alto». Uma renovação total de vida nos é pedida agora, participando na Ressurreição, e, salvos, cantaremos o nosso júbilo ao Deus de Jacob. «Louva alma minha, o Senhor. Hei-de louvar o Senhor enquanto viver, e farei da minha vida um cântico ao meu Deus». É uma renovação que a esperança na misericórdia divina encoraja: «aspergi-me, Senhor, com o hissope da vossa graça e ficarei limpo. Lavar-me-eis e ficarei mais branco que a neve». «É Ele que sustenta na vida a minha alma e que não permite que os meus pés vacilem». E ser cristão é não vacilar, porque para lá de toda a cruz existe a realidade do sepulcro vazio, a vitória da vida sobre a morte: «Eu sou a Ressurreição e a Vida», «todo o que vive e crê em mim não há-de de morrer nunca».

Ser cristão é dar testemunho do Cristo ressuscitado — é viver numa perspectiva de alegria e, «para além de toda a esperança, acreditar na esperança». Alegria e esperança tão ausentes do mundo de hoje. Alegria e esperança que só nós, os ressuscitados, poderemos dar ao mundo.

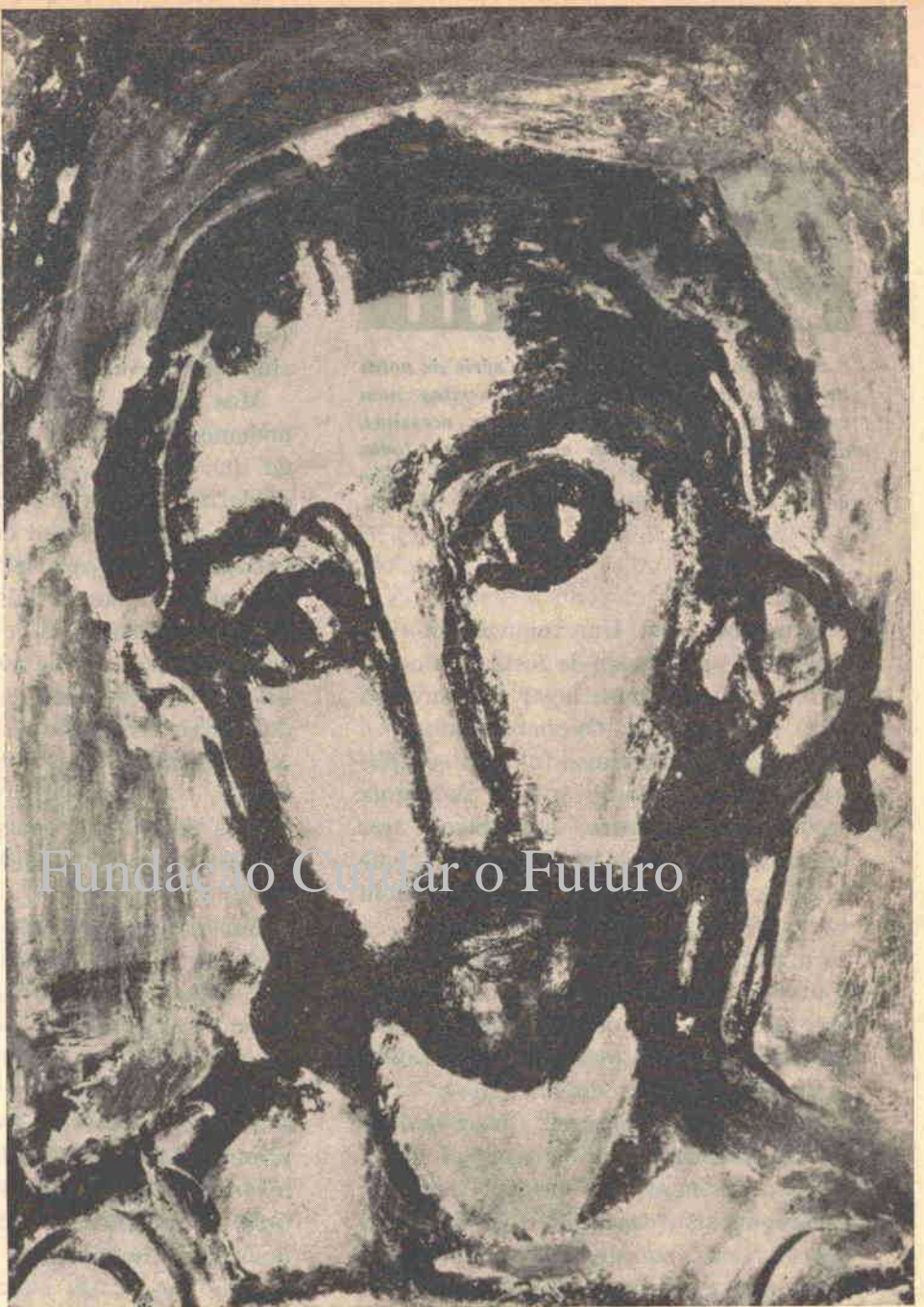
Charles Moeller diz-nos, referindo-se à obra de Françoise Sagan, testemunha do tédio e do desespero da nossa juventude: «Aucune oeuvre récente ne nous donne aussi fortement la vision d'un monde humain abandonné sur une planète extra-terrestre, celle de l'ennui. Qu'avons-nous fait pour faire rayonner l'espoir de la Pentecôte sur ces êtres qui ont tellement peur de la vie qu'ils se sentent étrangers à eux-mêmes et qu'ils ont renoncé à combats avant que de l'avoir commencé, avant que d'être nés. Cécile et Dominique, et les garçons qu'elles rencontrent, nous ne pouvons les montrer du doigt avec une comiseration pharisaïque car, je le répète, chaque fois que nous laissons se détendre en nous l'élan de notre foi en la force de Dieu à l'oeuvre par nous dans le monde, nous devenons semblables à Bertrand, à Luc, à Cécile et à Dominique».

«Nous devons prier le Christ de sauver les êtres qui s'ennuient en leur jeunesse, parce que les «morts-vivants» sont aussi, quand nous avons peur et perdons l'espoir, nous-mêmes».

O tempo pascal sendo aquele que nos chama à participação da vida eterna pela glória do Ressuscitado, é o que nos traz a espiritualidade capaz de combater o desespero e destruir, pela alegria, essa morte que tristemente vem às nossas horas de menos esperança.

Será que, como em Emaús, não O reconhecemos? Hoje, como então Ele nos poderia perguntar: «Que ides vós a dizer pelo caminho e porque estais tristes?», porque a tristeza permanecerá em nós enquanto teirmos em ignorar a Ressurreição do Cristo.

Assim, esforcemo-nos por viver a nossa Páscoa como ante-experiência da Jerusalém do alto, das alegrias totais, de que já participamos em esperança. «Dormirei em paz e descansarei, porque tu, Senhor, de uma maneira singular, me firmaste na esperança».



Fundação Cuidar o Futuro

nota  
litúrgica





*Iniciamos, neste número, uma série de notas introdutórias à arte musical. Escritas num estilo muito leve e extremamente acessível, elas pretendem ser um auxiliar para todas aquelas que querem compreender um pouco dessa arte maravilhosa «Imperatrix Mundi».*

## I

Um sino toca. Um foguete sobe no ar e estaleja. Começo de festa de aldeia? Talvez, mas vamos levar a conversa para o outro lado. Ouvimos o sino e o foguete. O que ouvimos foi, não só diferente, mas muito diferente. A seguir tocou o sino «grosso» e soubemos que o que ouvimos era mais grave do que o toque que ouvimos à primeira. Subiu outro foguete. E não sabíamos dizer se era mais grave ou mais agudo que o precedente. Não havia eco: o foguete, logo deixávamos de o ouvir; o sino, esse não, durante quase um minuto ouvíamos a pancada do badalo.

Porquê esta diferença? Dizem os físicos da acústica que nuns casos há vibrações homogêneas (as do sino) e noutros, heterogêneas (caso do foguete). Eu percebo isto, porque alguém que sabia física me explicou. Mas não sei explicar porquê, porque não sei física. Se quiserem mais explicações, esperem que alguém competente em acústica elucide.

Ora bem. Adiante. No caso do sino, o que ouvimos é um som. No caso do

foguete, um ruído. No 1.º caso, o do som, há propriedades definidas: altura (mais grave ou mais agudo), duração (mais ou menos prolongado), intensidade (mais ou menos forte), timbre (distinguir se foi um violino ou um sino que tocou).

Mas quando uma cadeira cai, não nos podemos pronunciar sobre a altura, etc., do que ouvimos, porque no ruído não se definem essas propriedades.

Ora dá-se um caso curioso: pode haver música que aproveite sons e ruídos;

A maior parte da música é só de sons;

Não há música só de ruídos (a única coisa que poderia haver era ritmo, isto é: combinações da frequência dos ruídos: mais próximos (ritmo apressado) ou mais afastados uns dos outros (ritmo lento).

Mas não antecipemos.

Há sons e ruídos desde que o mundo é mundo. Há o vento, e há o trovão.

Mas a certa altura apareceu o Homem na Terra. E uma das coisas que lhe apetecia era exprimir os seus sentimentos. A mímica parece ter sido o primeiro recurso. A *ampliação* da mímica deu a dança. Para que a expressão fosse mais expansiva, começou-se a acompanhar com barulho. Bater com as mãos em madeira oca dava muito resultado. A maneira de fazer barulho, era mais espectacular se, em vez de um barulho ao acaso, surgissem pancadas com um certo período de frequência que o próprio sentir indicava. Foi então que o Homem deu conta do ritmo. «Au commencement, c'était le rythme», disse Vincent d'Indy.





A dor e o prazer arrastaram o homem a outras expressões. Surgiu o grito, imposto também pela necessidade de chamamento, quando apareceu a agremiação (e parece que foi logo, com a família). A intensidade e a qualidade do prazer ou da dor, condicionaram a manifestação do grito. O Homem ouviu o seu grito, em fúria umas vezes, ou com um embrião de doçura, noutras. Aproveitou *isso* que saiu da sua garganta. E deu conta do *som* — diferente do ruído que saía do tronco oco. Começou a emitir sons de intensidade e altura diferentes, conforme aquilo que queria exprimir. Surgiu o canto, que um bom número dos que se dedicam a estas matérias considera anterior à palavra articulada — e, com maior razão, à frase não timbrada, *falada*. Alguns exemplos parecem confirmar esta hipótese. Se lembrarmos que os Gregos antigos falavam a cantar... Se lembrarmos que o mesmo acontece ainda hoje entre alguns povos, como, por exemplo, na China...

## II

O Homem descobriu, pois, o ritmo e o som. O ritmo, quando dançava (isto é: esbracejava, pulava e esperneava). O som quando cantava (isto é — salvo o devido respeito — *grunhia*).

Juntando o ritmo ao som, o homem passou também a cantar com ritmo. E a acompanhar o canto com as tais pancadas ruidosas que a princípio aplicara à dança. E agora juntava tudo: canto, ritmo e dança! Era uma alegria! Isto,

claro, é um modo de dizer. Porque, por vezes, era precisamente tristeza que ele queria exprimir com essas expansões. Pois desde o princípio houve música (que era aquele canto se não isso?) triste e música alegre. O Homem, a par da linguagem cantada (que começou a articular, isto é, fundamentalmente, a juntar consoantes), desenvolveu o canto-música. Neste, o som além de ter uma significação real (exprimir a coisa, a árvore ou peixe) tinha uma significação emocional.

E porque a «música» era o que melhor exprimia as suas emoções, o homem usou-a desde logo para os actos principais da vida: para a adoração, para a guerra e para o amor. Também, talvez, para «celebrar» a morte. Seria uma incipiente música sacra, guerreira, lírica e fúnebre, respectivamente. Não esquecendo que tudo isto era... «coreografado».

Mas os meios de expressão «musical» eram pobres, embora infinitamente ricos em potência. As pancadas na madeira oca ou na pele esticada e seca de animais mortos, aplicada também em madeira; e a incipiente voz humana. Nada mais.

Talvez um dia o homem tivesse soprado numa palha verde. Ou talvez tivesse juntado os lábios e soprado.

Ouviu um som, que não era o da sua voz. Um som um pouco como o do vento nas frinchas das cavernas. O homem terá começado a procurar mais palhas onde pudesse soprar... Palhas maiores, palhas mais pequenas, sons diferentes...

Depois — oh! Isto demorou anos, muitos anos! — viu que as canas, adaptadas, faziam como as palhas. Mas cada cana só tinha um som! Muito mais pobre que o pobre vozeirão do fabricante! Depois de muito pensar — levou séculos a pensar e ensaiar — o homem descobriu que, fazendo furos numa cana e tapando ou destapando com os dedos esses furos, podia fazer com que essa cana funcionasse ora como mais curta, ora como mais comprida. E assim, uma única e simples cana podia dar mais que um som!

Reconhecem a flauta dos pastores?

### III

Entretanto, muitas mais descobertas se tinham feito no plano prático. Por exemplo: na maneira de lutar. Descobriu-se um precioso auxiliar para arremessar para longe, a uma velocidade «extraordinária» (mais rápida que a gazela), um pauzinho aguçado de ponta envenenada. Esse terrível arremessador era o arco: uma haste de madeira flexível com as extremidades unidas por uma corda — de qualquer fibra que desse bom resultado.

Simplemente, deu-se um caso interessante: mais uma vez a arte se apropriou de descobertas «práticas». O guerreiro, ou o caçador, quando largou a corda que impeliu a flecha, ouviu um som. E ficou boquiaberto quando descobriu que as cordas também davam som! (mal sabia ele que, na sua gar-

ganta, também eram as cordas, friccionadas pelo ar, que produziam o som da voz!) E mais: os sons das cordas variavam de muitas maneiras (foi-o mostrando a experiência): conforme o comprimento, a grossura. Claro, a corda mais esticada ficava mais fina, e podia ficar mais comprida (ou não, se a parte esticada se enrolasse). Que maravilha!

Os séculos iam passando. As sociedades começavam a organizar-se. Surgiam os guerreiros conquistadores. E surgiam uns conquistadores com armas mais fortes: tinham sido descobertos os metais! Estes iam revolucionar as sociedades; surgiam os exércitos armados «poderosamente». Surgiam os metais «para fins pacíficos» (tal como agora a energia atômica): construção de habitações, de mobiliário, confecção de artigos caseiros.

Toda uma utensilhagem nova. Claro, tudo isto foi devagar, devagar...

Mas, como sempre, a música veio reclamar a sua parte. Depressa os artífices (nova classe) ouviram que um metal batendo noutro metal produzia um som. E se o objecto de metal era uma caçarola, qualquer pancada, mesmo leve, produzia um som. Isto era novo. Até aí (na madeira, nas pedras ou nas peles esticadas) o mais que uma pancada produzia era ruído.

Decididamente, a música estava-se a tornar muito rica. Para além da voz, para além dos instrumentos que produziam ruído e com que se marcava o ritmo, havia agora instrumentos que cantavam como a voz, que produziam sons! E sons com «cor» (timbre) dife-

rente! As canas (flautas), cantavam como os pássaros, ou como os lábios do homem quando ele os juntava. As cordas esticadas davam um som novo e misterioso. O som dos metais era vibrante como... talvez como a voz de um deus!

E mais: alguns habilidosos, à força de esticar peles, tinham acabado por descobrir que, se fossem bem esticadas, igualmente para todos os lados, produziam sons, e que os sons eram mais agudos ou mais graves consoante as peles estivessem mais ou menos esticadas! Mas aqui... para cada pele, um som.

#### IV

É verdade. A música estava rica. Havia a voz humana. Os instrumentos «com voz» (as canas, as cordas, os metais e as peles); e os «sem voz» (a madeira, alguns metais — antepassados dos «ferrinhos» — e algumas peles esticadas).

Mas afinal... o que havia era uma chifreineira. A riqueza estava desorganizada.

Claro, o homem sabia que uns sons eram mais agudos, outros mais graves (e isto era o principal problema). Uns mais fracos outros mais fortes. Uns mais curtos outros mais prolongados. Como pôr ordem nisto tudo? O primeiro problema a ser resolvido foi o dos curtos e dos prolongados. Isto é: do tempo. O Homem tinha o ritmo metido no corpo. («Au commencement, c'était le rythme»). E tratou de produzir os sons

segundo o ritmo que ele achava apropriado a cada circunstância em especial. (Tudo isto, claro, mais por intuição do que por reflexão).

O problema dos sons mais fortes e mais fracos (intensidade) também não foi difícil. Um circunstâncias pediam muito barulho? (por exemplo, a guerra). Pois iam sons fortes! Outras pediam pouco barulho? (por exemplo, o amor, ou, nalgumas sociedades, a morte). Pois bem, iam sons menos intensos, mais fracos.

O problema do timbre, da «cor», do som, ainda naquelas épocas remotas não era grave. Tratava-se apenas de escolher os instrumentos adequados às circunstâncias.

Mas a altura! Os sons agudos e os sons graves! Ó céus! Que problema, ... e que confusão!!!

Enfim, tratava-se de pôr um som depois do outro, de modo a fazer uma sequência, ainda que elementar. E isto era preciso para a voz e para os instrumentos «com som».

Começaram a surgir as melodias. Muito simples. Duas ou três notas (sons diferenciados). Ia-se para cima, voltava-se abaixo. Depois, acrescentava-se mais uma nota. Depois outra... A vida complicava-se. E então quando se descobria uma nota entre duas já descobertas, que não era tão grave como a mais grave, nem tão aguda como a mais aguda!

Oh, que trabalhos até que se descobrissem as «escalas»! Isto é: modos de «ordenar» os sons, de pôr uma disciplina nesses insubordinados.

M. A. G.



## coordenadas fundamentais da educação cristã

Parece ter-se tornado já lugar-comum o falar-se da profunda crise de valores que o nosso tempo atravessa — por um lado, crise de valores considerados em si mesmos, na sua essência, e que se traduz na confusão ou na inversão quase total desses mesmos valores; por outro, crise de valores considerados nas suas implicações existenciais, que vai refletir-se num sem-número de consequências graves na ordem concreta.

No entanto, não é talvez descabido chamar, mais uma vez, a atenção para um tal estado de coisas, quando, como agora aqui, se fala de Educação cristã — precisamente porque não pode duvidar-se de que, nas raízes mais profundas dessa crise de valores que apontei, vamos encontrar a crise do próprio ideal de Educação. E essa crise, afinal, surgiu porque deixou de ser cristão esse ideal.

Se educar implica conduzir o Homem a realizar em si, por si e segundo o seu próprio modo de ver, determinada escala de valores essenciais — na medida



em que o conceito de Educação aparecer mutilado ou deturpado, como sucede na nossa época, está a ser comprometida, seriamente, não só a realização na ordem concreta, como também a aceitação teórica dessa escala de valores.

Na verdade, todo o ideal de Educação traz implícita uma filosofia do Homem; quer dizer, uma concepção acerca da sua origem, da sua natureza e do seu destino, e uma atitude em relação ao modo de realizar-se a si próprio segundo certas coordenadas consideradas fundamentais. Ora, conforme essa concepção e essa atitude forem afirmativas ou negativas de valores essenciais ao Homem, assim se terá, ou o Homem autêntico, ou uma sua caricatura. Daqui a importância decisiva da Educação.

Para não me alongar falando dos variados conceitos de Educação que têm sido aceites ao longo da História — os quais, na sua multiplicidade, confirmam todos o que acabo de dizer — apenas darei, em linhas muito gerais, o panorama que, sob este aspecto, nos oferecem os dois últimos séculos, pela sua repercussão mais directa no momento presente.

### O conceito de educação em Rousseau

Costumam conferir-se a Rousseau os louros de iniciador de uma revolução autêntica e profunda no campo da Educação, e é justo reconhecer valor ao contributo real e positivo que trouxe aos actuais métodos pedagógicos (sobretudo, e quase exclusivamente, aos métodos,

acentue-se), na medida em que quis chamar a atenção para a importância da *criança como tal*, opondo-se ao errado conceito de séculos anteriores, que encaravam a criança, muito simplesmente — e muito erradamente — como um homem de dimensões reduzidas na ordem física e na ordem espiritual. Contudo, não deixe de notar-se que todos aqueles que têm considerado Rousseau um verdadeiro inovador neste campo, decerto se têm esquecido de que, já muitos séculos antes, a eminente dignidade e o alto valor da criança, encarada *como tal*, tinham sido proclamados e defendidos — e, então, em toda a plenitude do seu significado — por Aquele que disse um dia: «Deixai vir a Mim as criancinhas...», e que ainda mais claramente explicitou o Seu pensamento, ao afirmar: «Se vos não fizerdes como meninos, não entrareis no Reino dos Céus». Se, no entanto, devemos aceitar que Rousseau veio recordar uma verdade, embora já proclamada, em geral esquecida pelo menos na ordem prática — verdade a que ele, contudo, tirou muito do seu conteúdo mais profundo — temos, porém, de torná-lo responsável (ainda que remoto e talvez involuntário), por muitos dos caminhos errados por onde anda, nos nossos dias, o conceito de Educação. Na verdade, a concepção romântica do Homem, partindo do princípio falso de que ele é bom por natureza e de que só em contacto com a natureza, em quase completa liberdade e longe dos outros homens (pervertidos pela vida em sociedade) poderá realizar-se plenamente — esta concepção não tardou a

abrir a porta às actuais aberrações que surgem em matéria de Educação. É que, levado ao extremo, não por Rousseau, mas nos tempos que se seguiram, esse naturalismo inconsistente não teve dificuldade em conduzir a uma visão puramente materialista do próprio Homem, porque minimiza ou ignora, desde a origem, a sua dimensão sobrenatural.

Com efeito, de uma concepção predominantemente naturalista tem de resultar um Homem diminuído e degradado, porque lhe é usurpada a dignidade da sua origem e destino transcendentais. E assim (embora pareça paradoxal a afirmação que vou fazer, se pensarmos no princípio de individualismo que esteve na base daquele sistema de Educação), as suas últimas consequências conduzem, directamente ou não, ao socialismo e ao totalitarismo materialistas, em cujas estruturas se não visa *educar* pessoas, mas *fabricar*, em série, um tipo de Homem que, como peça de máquina, vai entrar sem alma numa férrea engrenagem social.

### Conceito cristão de Educação

O conceito cristão de Educação surge-nos diametralmente oposto ao que acabamos de ver (precisamente para que, do contraste, resulte talvez uma compreensão mais nítida da autenticidade humana e do valor transcendente da Educação cristã, é que se deixa aqui esboçado aquele panorama). Numa perspectiva cristã, Educação não é, em síntese, outra coisa senão «a *explicitação*

do pensamento divino presente em *cada* existência humana.» (1)

### O sujeito da educação: o Homem — Pessoa

Se, como se disse, todo e qualquer ideal educativo tem implícita uma filosofia do Homem, não é, evidentemente, menos certo que só uma filosofia do Homem integral — não mutilado ou deformado na sua essência, simples produto de uma experiência mal conduzida ou de uma especulação estéril sobre dados erróneos ou, ao menos, incompletos — só uma filosofia do Homem integral, dizia, pode fundamentar um conceito de Educação autêntica, que vise formar esse Homem integral. Eis o que diz Pio XI a este respeito, na Encíclica «*Divini Illius Magistri*»: «Nunca deve perder-se de vista que o sujeito da Educação cristã é o Homem, mas o *Homem todo, espírito unido ao corpo em unidade de natureza, com todas as suas faculdades naturais e sobrenaturais...* o Homem decaído do estado original, mas remido por Cristo e reintegrado na condição sobrenatural de filho de Deus».

Aqui, vemos definido como sujeito da Educação, não o «homem-indivíduo», nem o «homem — simples número no conjunto social», mas o *homem-pessoa*, com tudo o que de mais rico esta expressão encerra, como conteúdo na or-

---

(1) Sobre o sentido profundo da missão de educar, ver «Colaborando com Deus» — por Maria de Lourdes Pintasilgo, in «Presença», n.º 10.

dem da natureza e na ordem sobrenatural (tal como diz São Tomás de Aquino: «A pessoa é, em toda a natureza, o que há de mais perfeito; de todas as naturezas, ela é a mais digna»).

O objecto da educação: a cooperação com a Graça na perfeição da pessoa humana

Este, o *sujeito* da Educação cristã. Em relação ao seu *objecto*, recorde-se ainda a já citada Encíclica: «O fim próprio e imediato da Educação cristã é cooperar com a Graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, isto é, formar o mesmo Cristo nos regenerados pelo Baptismo».

Resumindo: é a perfeição da pessoa humana (de cada pessoa humana, acentue-se bem), o fim último da Educação cristã. Este ideal pressupõe, decerto, os efeitos do pecado original na natureza humana; mas parte dessa base no desenvolvimento da acção a exercer para se realizar. Tal perfeição não é absoluta; na ordem humana, vai-se realizando num *tender cada vez mais* para a Perfeição absoluta considerada como limite, e que só pode ser atingida através de uma correspondência, tanto quanto possível fiel, à *vocação* autêntica de cada um.

Portanto, na acção a desenvolver para a concretização do ideal educativo cristão, tomam-se sempre como pressupostos: por um lado, as condições reais inerentes à própria natureza humana, que, na ordem actual, se encontra decaída pelo pecado; por outro, as capacidades *próprias* de cada pessoa e as suas possi-

bilidades de superação das imperfeições naturais, com vista à plena realização da personalidade segundo o plano de Deus (entrando, aqui, logo de início, em linha de conta com a diferenciação básica que determina os dois modos do ser humano: masculino e feminino). — Estas, as linhas essenciais que orientam o processo educativo, numa perspectiva cristã.

Considerado aí, como sujeito da Educação, o Homem *total* — unidade substancial de alma e corpo — é evidente que o processo educativo tem de visar simultaneamente, não só o desenvolvimento equilibrado das capacidades físicas, como também a valorização harmónica das faculdades espirituais; só desse modo pode conceber-se a realização autêntica do Homem na sua dupla dimensão.

Encaminhar a inteligência para a descoberta e a posse da Verdade; orientar a vontade para a procura e a realização do que é bom e justo; formar a sensibilidade numa exigência constante de Pureza e de Beleza — são tarefas primordiais que se impõem ao educador cristão em face daqueles que lhe estão confiados, a fim de levá-los a desabrochar para uma vida cristã séria e autêntica, em que todos aqueles aspectos surgem profundamente radicados e fortemente unificados numa vivência de Amor.

Para realizar a sua missão, o educador tem de procurar descobrir as capacidades naturais de cada educando, tem de partir delas para ajudar o seu desen-

(continua na página 25)



**Na civilização hebraica**  
a educação que nos povos primitivos se processava de modo espontâneo, inconsciente, passa a ser objecto de reflexão e aperfeiçoamento. Graças aos livros santos, o povo de Israel adquire os princípios fundamentais de Moral e uma ideia mais exacta e desinteressada de Justiça. A mentalidade desenvolve-se e acentua-se a maturidade intelectual.

### Na Grécia

o sentido educativo torna-se notável. O ideal grego é interpretado por Homero, cujos heróis incarnam, de forma sublime, um espírito identificável com a *sagesse* dos orientais. A concepção homérica da existência vai informar toda a orientação pedagógica da Grécia clássica. A noção de unidade potencial do homem, da necessidade de equilíbrio entre a sua educação espiritual e física, leva os Gregos a darem à ginástica e à música papel de relevo na educação de base. O homem toma consciência do seu valor como homem e da sua situação face a Deus. A Ironia e a Maiêutica — aspectos fundamentais do método socrático — dão golpe decisivo no saber formal em favor do saber estruturado e dirigido à Verdade. Platão tira daí consequências para a «República», onde o problema da educação das classes sociais é analisado exaustivamente.

### Em Roma

a educação tem a guiá-la uma intenção de ordem colectiva e não individual, como na Grécia. Enquanto nesta a educação era predominantemente estética, aqui orienta-se para tudo que signifique o interesse imediato. Visa-se a forma-

ção do «homem prático», alimentado da Gramática, da Retórica e do Direito Romano. A escola torna-se o foco principal do ensino. Já marcando, de certo modo, a transição para a Idade Média, surgem dois educadores notáveis: Quintiliano e Plutarco. O primeiro, na forma específica de educação que propõe para a criança, dá-nos normas de grande actualidade; por outro lado, as «Vidas de Homens Ilustres», do segundo, constituem, por excelência, o livro formativo da juventude romana.

### Com o advento do Cristianismo

corrige-se o conceito dominante de educação e amplificam-se extraordinariamente as suas perspectivas. No seu centro coloca-se o homem total, corpo e alma, a pessoa humana inviolável na sua dignidade, cuja valorização máxima adquire o seu sentido último quando orientada para o sobrenatural, para Deus. Aproveitando-se todos os valores da cultura clássica, criam-se escolas de formação cristã. A apologia que o Cristianismo faz da criança leva-o a dispensar os maiores cuidados à sua educação.

## — A educa

O ideal da fraternidade cristã conduz à ideia da necessidade de educar a mulher e o escravo.

### Na Idade Média

devido à constante ameaça de invasões sob que vive a Europa, a cultura refu-



gia-se nos mosteiros e conventos, que vão perpetuar através dos tempos a tradição greco-latina. Neles se desenvolvem actividades que preparam o primeiro renascimento cultural no século VIII, que tem o seu principal promotor em Carlos Magno. O segundo renascimento da cultura greco-latina, no século XIII, coincide com a formação das universidades, que surgem à sombra da Igreja e com o objectivo primário da luta anti-herética. Com um esquema educacional próprio (as sete artes liberais divididas em dois grupos, o «trivium» e o «quadrivium») e dotadas de uma organização muito diferente da actual, realizam a síntese das ciências, estabelecem a sua interdependência e hierarquia, dentro de uma visão unitária do saber humano.

#### Com o humanismo e o Renascimento

surge um novo ideal educativo. O primeiro, verdadeira redescoberta do mundo antigo, aspira ao tipo de «homem erudito»; o segundo, tomada da autoridade da ciência, da natureza e do método experimental, com uma visão dinâmica

mente na sua própria razão. A par dos aspectos absurdos desta nova teoria, aspectos positivos: a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino.

#### Nos tempos modernos

Os séculos XVII, XVIII e XIX assistem ao processar de novas fases da história da educação. Educadores célebres contribuem de modo decisivo para a elaboração de um conceito de educação mais ajustado às exigências da natureza humana. A observação, a experiência e o método tornam-se elementos fundamentais do ensino. Locke, com um conceito utilitarista de educação, dá-lhe por base o hábito. Mas é em Rousseau (esse educador que tem páginas de beleza, ao lado de outras em que se faz tábuia rasa de toda e qualquer sobrenaturalidade) que se situa o ponto de partida do moderno conceito de educação. Apregoa o regresso à natureza e faz a apologia do homem natural contra a influência corruptora da civilização. A visão que tem de uma educação «progressiva, natural e negativa», no meio de ideias radicalmente erradas e inacei-

## ção através dos tempos

do mundo e um ódio declarado a tudo o que seja medieval e se baseia na fé e autoridade, prefere o tipo de «homem de ciência», lançado todo na especulação e na experiência concreta. É uma verdadeira revolução em toda a linha dos conceitos existentes.

A *Reforma* prepara, por seu lado, o «homem do livre exame» que crê cega-

táveis, destacam-se porém linhas de orientação pedagógica da maior actualidade. «Emílio», chave da sua doutrina educativa, teve expansão universal e a ele se devem florescimentos vários de continuadores: o suíço Pestalozzi, com os seus discípulos Herbart e Fröebel; Basedow na Alemanha. Estão lançadas as bases da moderna pedagogia.



### Na civilização hebraica

a educação que nos povos primitivos se processava de modo espontâneo, inconsciente, passa a ser objecto de reflexão e aperfeiçoamento. Graças aos livros santos, o povo de Israel adquire os princípios fundamentais de Moral e uma ideia mais exacta e desinteressada de Justiça. A mentalidade desenvolve-se e acentua-se a maturidade intelectual.

### Na Grécia

o sentido educativo torna-se notável. O ideal grego é interpretado por Homero, cujos heróis incarnam, de forma sublime, um espírito identificável com a *sagesse* dos orientais. A concepção homérica da existência vai informar toda a orientação pedagógica da Grécia clássica. A noção de unidade potencial do homem, da necessidade de equilíbrio entre a sua educação espiritual e física, leva os Gregos a darem à ginástica e à música papel de relevo na educação de base. O homem toma consciência do seu valor como homem e da sua situação face a Deus. A Ironia e a Maiêutica — aspectos fundamentais do método socrático — dão golpe decisivo no saber formal em favor do saber estruturado e dirigido à Verdade. Platão tira daí consequências para a «República», onde o problema da educação das classes sociais é analisado exaustivamente.

### Em Roma

a educação tem a guiá-la uma intenção de ordem colectiva e não individual, como na Grécia. Enquanto nesta a educação era predominantemente estética, aqui orienta-se para tudo que signifique o interesse imediato. Visa-se a forma-

ção do «homem prático», alimentado da Gramática, da Retórica e do Direito Romano. A escola torna-se o foco principal do ensino. Já marcando, de certo modo, a transição para a Idade Média, surgem dois educadores notáveis: Quintiliano e Plutarco. O primeiro, na forma específica de educação que propõe para a criança, dá-nos normas de grande actualidade; por outro lado, as «Vidas de Homens Ilustres», do segundo, constituem, por excelência, o livro formativo da juventude romana.

### Com o advento do Cristianismo

corrige-se o conceito dominante de educação e amplificam-se extraordinariamente as suas perspectivas. No seu centro coloca-se o homem total, corpo e alma, a pessoa humana inviolável na sua dignidade, cuja valorização máxima adquire o seu sentido último quando orientada para o sobrenatural, para Deus. Aproveitando-se todos os valores da cultura clássica, criam-se escolas de formação cristã. A apologia que o Cristianismo faz da criança leva-o a dispensar os maiores cuidados à sua educação.

### Na Idade Média

devido à constante ameaça de invasões sob que vive a Europa, a cultura refu-

gia-se nos mosteiros e conventos, que vão perpetuar através dos tempos a tradição greco-latina. Neles se desenvolvem actividades que preparam o primeiro renascimento cultural no século VIII, que tem o seu principal promotor em Carlos Magno. O segundo renascimento da cultura greco-latina, no século XIII, coincide com a formação das universidades, que surgem à sombra da Igreja e com o objectivo primário da luta anti-herética. Com um esquema educacional próprio (as sete artes liberais divididas em dois grupos, o «trivium» e o «quadrivium») e dotadas de uma organização muito diferente da actual, realizam a síntese das ciências, estabelecem a sua interdependência e hierarquia, dentro de uma visão unitária do saber humano.

### Com o humanismo e o Renascimento

surge um novo ideal educativo. O primeiro, verdadeira redescoberta do mundo antigo, aspira ao tipo de «homem erudito»; o segundo, tomado da euforia da ciência, da natureza e do método experimental, com uma visão dinâmica

mente na sua própria razão. A par dos aspectos absurdos desta nova teoria, aspectos positivos: a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino.

### Nos tempos modernos

Os séculos XVII, XVIII e XIX assistem ao processar de novas fases da história da educação. Educadores célebres contribuem de modo decisivo para a elaboração de um conceito de educação mais ajustado às exigências da natureza humana. A observação, a experiência e o método tornam-se elementos fundamentais do ensino. Locke, com um conceito utilitarista de educação, dá-lhe por base o hábito. Mas é em Rousseau (esse educador que tem páginas de beleza, ao lado de outras em que se faz tábua rasa de toda e qualquer sobrenaturalidade) que se situa o ponto de partida do moderno conceito de educação. Apregoa o regresso à natureza e faz a apologia do homem natural contra a influência corruptora da civilização. Da visão que tem de uma educação «progressiva, natural e negativa», no meio de ideias radicalmente erradas e inacei-

## — A educação através dos tempos

O ideal da fraternidade cristã conduz à ideia da necessidade de educar a mulher e o escravo.

do mundo e um ódio declarado a tudo o que seja medieval e se baseia na fé e autoridade, prefere o tipo de «homem de ciência», lançado todo na especulação e na experiência concreta. É uma verdadeira revolução em toda a linha dos conceitos existentes.

A *Reforma* prepara, por seu lado, o «homem do livre exame» que crê cega-

táveis, destacam-se porém linhas de orientação pedagógica da maior actualidade. «Emílio», chave da sua doutrina educativa, teve expansão universal e a ele se devem florescimentos vários de continuadores: o suíço Pestalozzi, com os seus discípulos Herbart e Fröbel; Basedow na Alemanha. Estão lançadas as bases da moderna pedagogia.

# ARTES

## O impressionismo

Sabemos que a uma visão medieval teocêntrica do mundo, a Renascença opôs uma visão antropocêntrica.

E sabemos que desde esse momento, toda a cultura se gerou com perspectiva no «homem», colocando-o no centro do conhecimento e fazendo dele, progressivamente, o alvo e o dado de todas as experiências, inclusive as estéticas.

São da Renascença os primeiros génios e são dela também os primeiros retratos.

Subjectivando-se, o homem descobriu que podia ter opinião e a opinião traduziu-se esteticamente na perspectiva.

Nós perceberemos porquê, se repararmos que a perspectiva renascentista, tal como a concebeu Paolo Ucello no século XIV, introduz na arte e em especial na pintura, um novo dado que é o espectador e uma variabilidade das formas, que resulta do seu ponto de vista, isto é, da sua opinião.

Num quadro renascentista, um homem poderá ser maior que uma casa, se o homem estiver mais perto do espectador que a casa.

O Homem e a casa deixaram por isso de ter para o pintor uma dimensão absoluta (como na pintura medieval) e passaram a ter para ele uma dimensão variável.

E o subjectivismo que esta variabilidade representa, seria constante e inseparável, quer queiramos quer não, de toda a arte post-renascentista e teria a par de períodos de exaltação, como foi o «Romantismo», períodos de violenta reacção (estéreis por isso mesmo) como foi o naturalismo dos fins do século XIX.

Chegados aqui, podemos situar mais facilmente o «impressionismo» e ver como a sua posição é de certo modo paradoxal; pois sendo os impressionistas filhos desse individualismo post-renascentista, a sua vontade formal era de um tipo subjectivo, dirigida para o variável e para o não-permanente. Mas como, por outro lado, haviam recebido de herança a natureza, como dado-a-respeitar-sem-discutir, viram-se obrigados a camuflar esse desejo normal, numa pintura estruturalmente naturalista.

De facto, apenas no plano social o impressionismo pode ser considerado como movimento inspirador dos que se lhe seguiram neste século, pois



## Fundação Cuidar o Futuro

Monet (1840 – 1926)

Plage de Trouville

Óleo (0,37 x 0,46)

considerado esteticamente ele está ligado a uma concepção naturalista da pintura e é talvez a sua última manifestação.

O impressionismo faria sentir a sua acção reivindicando para o artista a liberdade de exprimir o seu mundo pessoal e as suas «impressões» face aos comandos e ao «cliente».

Tiveram nesse sentido enorme importância a primeira exposição dos recusa-

dos em 1863, que o próprio imperador inaugurou, como as duas primeiras exposições individuais de Courbet e Manet, uma em 1855, a outra em 1867, pois representavam a inteira independência do artista perante a tirania dos júris académicos.

Daí por diante, o artista ficaria com inteira liberdade de procurar redescobrir o mundo a seu modo e muitas vezes, também, com inteira liberdade de morrer de fome.

Estes movimentos porém são fatais na história e na luta do homem por alcançar a sempre desejada liberdade de expressão, embora essa liberdade tantas vezes se apresente com um aspecto ilusório.

Quando se fala de impressionismo, os pintores que logo ocorrem são: Manet, Claude Monet, Renoir e Pissarro, estes os principais.

Depois, temos de considerar Seurat, Gross, Signac e Sisley os representantes do neo-impressionismo.

Finalmente, apontando outras estéticas, mais ligadas a estes por uma indiscutível afinidade.

Degas, Toulouse-Lautrec, Gauguin (na sua primeira fase), Van Gogh e Cézanne.

Estes pintores não surgem sem precedentes, desligados da tradição e inteiramente contra ela, como muita gente supõe, pois como nota Raymond Cogniat, a «mobilidade das superfícies obtida pela pincelada visível fazendo vibrar a matéria» e a preocupação de transpor e captar pela cor, a atmosfera ambiente, existiu em pintores anteriores do século XIX e noutros até mais remotos.

As aguarelas de Turner, o grande pintor inglês do século XVIII, atingiram não só uma visão impressionista, como se podem considerar algumas delas verdadeiras abstrações.

Bonington e Constable, Daubigny e Jongkind, Goya, Velasquez e Greco ou ainda Rubens e Fragonard revelam-nos na sua pintura a consciência e o domínio de certos elementos, que o impressionismo arvoraria como seus.

Claro que estes pintores, embora dominando esses elementos, embora conseguindo nos quadros a atmosfera, a transparência, o «ar livre» da pintura impressionista, não os defendiam como valores, mas sujeitavam-nos a outros

elementos, que consideravam mais importantes.

Vejamos agora a pintura de alguns impressionistas. Manet não expôs nas oito exposições impressionistas que se fizeram entre 1874 e 1886; porém, com os seus quadros «L'olympia» e «Déjeuner sur l'herbe», havia de fornecer o primeiro sinal da nova maneira de pensar e sentir e estimular assim os seus colegas nas novas procuras plásticas.

Manet, aliás, por estar mais ligado ao naturalismo e também por sensibilidade própria, nunca aceitou totalmente as convenções impressionistas.

Sabe-se que uma dessas convenções era a exclusão do negro e Manet usou-o em toda a sua pintura, com uma maestria que faz lembrar Velasquez.

Por outro lado, deu sempre grande atenção à figura humana e ao tema do quadro, que é muitas vezes nitidamente de carácter simbolista.

Um bom exemplo pode ser a sua tela «Le bar des folies bergères», talvez um dos mais belos de todo o impressionismo e que levou Huysman, o conhecido crítico de arte, a dizer em 1882 quando ele foi exposto: «C'est certainement le tableau le plus moderne», «le plus intéressant que ce salon renferme».

Renoir com Monet, Pissarro e Sisley, formam o quarteto dos grandes paisagistas do grupo; porém Renoir é ao mesmo tempo, como Manet, um grande pintor de retrato e de figuras humanas.

Nos seus célebres quadros «La loge», «Moulin de la galette» ou «Le déjeuner des canotiers», ele reencontra a pureza da cor e a monumentalidade de composição próprias dos primitivos franceses, de um Rubens ou de um Fragonard.

Claude Monet, Pissarro e Sisley, além de redescobrirem na paisagem os valores de cor-atmosfera de que já falámos, através da pincelada visível e com um

(continua na página 25)



## S. Francisco de Assis um santo actual

O significado da sua vida é actual, como actual é a miséria, o sofrimento e a incompreensão.

É a todos os que sofrem que se dirige a sua mensagem de paz e de misericórdia, mensagem cheia de Evangelho de uma vida que soube sublimar o sentido da pobreza e da humildade.

Pobre, brando de coração e misericordioso foi-o na medida em que soube renunciar alegremente aos bens materiais e «Amar» com um amor semelhante ao de Cristo, os pobres, os ricos, os felizes e os infelizes.

A sua alma tão pura, e o seu espírito tão pobre no sentido evangélico, que não hesitou em falar às avezinhas do céu:

*«Minhas irmãs vós dependeis em tudo do Senhor que vos criou, deveis louvá-lo sempre e em todos os lugares em que vos encontrardes por Ele vos ter dado a liberdade de voar, por vos ter dado agasalho, por ter conservado a vossa espécie na arca de Noé, por vos alimentar e vos dar os rios e as fontes para beber, e as grandes árvores para poderdes fazer aí os vossos ninhos.*

*Vede como o vosso Criador vos ama e livrai-vos do pecado da ingratidão aplicando-vos durante toda a vossa vida a louvar o Senhor.»*

Mas foi mais longe — graças ao silêncio que conseguiu fazer na sua alma, chegou a conhecer o Criador através da Criatura e a sentir a presença do Senhor na natureza, nas grandezas e misérias que nos rodeiam, nas coisas mais pequeninas e nas que nos parecem mais inúteis.

Viveu na terra aonde há sol, vento, chuva e frio que constantemente mal-dizemos; mas, exactamente porque os conheceu de perto, pôde avaliar o papel maravilhoso que cada um destes elementos desempenha no mundo e fazer deles um hino de louvor ao Senhor.

Não são os Santos uma das provas mais gritantes de que Deus existe, de que é santo, misericordioso e perfeito?

Por que não reflectir então, de vez em quando, sobre aqueles cuja vida, de abandono total a Deus, é um alarme para a mediocridade em que mergulhamos, um apelo irresistível ao insondável mistério de Deus e que parece proclamar:

«Quem é Deus, senão Javé? Quem é rochedo, senão o nosso Deus? (Sal. 18).

Fundação Cuidar o Futuro

Foi chamado o «Trovador do Senhor» por ter cantado as maravilhas da Criação; mas toda a originalidade e actualidade da sua mensagem está na Paz que irradia da sua vida, na Paz que procurou espalhar à sua volta, na Paz que é amor e silêncio e que ele tão humildemente pedia ao Senhor:

«Senhor fazei-me um instrumento da vossa paz.

Aonde há ódio fazei que eu leve Amor.

Aonde há ofensa fazei que eu leve Perdão.

Aonde há discórdia fazei que eu leve União.

Aonde há dúvida fazei que eu leve Fé.

Aonde há erro fazei que eu leve Verdade.

Aonde há dispersão fazei que eu leve Esperança.

Aonde há tristeza fazei que eu leve Luz.

Senhor, fazei com que eu não procure tanto

Ser consolado como consolar;

Ser compreendido como compreender;

Ser amado como amar.  
Pois que é

Dando que se recebe,

Perdoando que se é perdoado,

Morrendo que se ressuscita para a Vida Eterna.»

Isabel Maria Bêlard da Fonseca

Louvado sejas, meu Senhor, por todas as tuas [criaturas...]  
especialmente pelo irmão sol  
que faz o dia e por intermédio do qual Tu nos [iluminas:  
ele é belo e irradia o seu esplendor;  
ele é a Tua Imagem, Senhor todo-poderoso.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas [estrelas  
que tu fizeste claras, cintilantes e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,  
pelo ar, pelas nuvens, pela brisa e por todos os [tempos,  
graças aos quais Tu sustentas as tuas criaturas.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água  
que é tão útil, tão humilde e tão casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã terra  
que nos sustenta e nos governa:  
ela que produz a erva, os frutos variados e as [flores coloridas.

Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que per- [doam por amor,  
que suportam injustiça e perseguição;  
bem-aventurados os que permanecem na paz,  
serão coroados por Ti, Senhor das alturas.

Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a [morte física  
à qual nenhum homem vivo pode escapar;  
infelizes são aqueles que morrem em pecado mortal.

Bem-aventurados aqueles que cumprem a Tua mui [santa vontade  
Porque a segunda morte não os poderá prejudicar.

Louvai e bendizei o meu Senhor.  
Agradecei-Lhe e servi-O com grande humildade.

# autor de um autor de hoje

## BERNANOS OU O PROFETA DA ALEGRIA

Bernanos é um escritor profeta

Com o seu olhar profundo arrebatava-nos e levava-nos até ao eterno. Força-nos a ver o verdadeiro fulcro das nossas vidas: «se as nossas alegrias são tantas vezes terrestres, as nossas amarguras são sempre sobrenaturais». Do mais íntimo de uma mensagem, que ficará entre as mais trágicas deste século, brota uma formidável força de alegria. A chave da obra de Bernanos é o mistério pascal, morte e VIDA.

Ele encanta certos leitores, irrita outros; mas a importância da sua mensagem cresce de dia para dia. Se quisermos passar por cima de certos excessos de linguagem, de certo sobrenatural por vezes inspirado no alto «guignol» revela-se-nos necessariamente a exactidão teológica das suas visões. Precisávamos dele.

Depois de Péguy faltava uma voz que nos desse o sentimento quase físico da presença do sobrenatural.

Bernanos conheceu todas as nossas angústias.

Conheceu também a alegria e deu-a.

Ele amava o Mundo:

— «Quand je serai mort, dites au doux royaume de la Terre, que je l'aimais plus que je n'ai jamais osé le dire».

É grande o pudor viril desta frase.

O profeta pode maldizer aparentemente este mundo de pecado, mas sabemos que essas maldições escondem uma ternura imensa por este universo, que ele vê transfigurado em Deus. Mas, se Bernanos amava a terra, sabia também que ela não é nada, sem a esperança, a esperança que é mártir.

— «A sa plus haute tension, l'espérance finit: par nous consumer».

Esta esperança consome-nos, mas transfigura-nos também — dá-nos o Amor de Deus em troca da nossa pobre dor humana. Todos os sofrimentos do Mundo constituem assim, misteriosamente, uma relíquia, a do corpo de Cristo, no qual se conclui a paixão redentora.

Precisamos ainda de pedir a Bernanos o segredo da Alegria. É um mistério, porque serve de título ao livro mais negro que ele escreveu, aquele que conta a terrível agonia de uma criança inocente, Chantal de Clergerie, aquela pequenita a quem roubaram tudo, até a morte.

Nos nossos tempos de violência e mentira, Bernanos traz-nos a resposta da Fé. É preciso dar aos homens uma esperança. Uma esperança para aqueles que não a têm. Uma esperança para aqueles cristãos que já não sabem por que preço foram resgatados». A pergunta que Bernanos faz a todo o cristão é esta:

«Êtes-vous capables de rajeunir le monde, oui ou non? L'Évangile est toujours jeune, c'est vous qui êtes vieux».

### O desespero

Todos os heróis de Bernanos, todos os cristãos que ele põe em cena e que são verdadeiros discípulos de Jesus, conhecem a tentação do desespero.

Quanto mais próximos estão da santidade, mais os constringe essa tentação. O Padre Donissan de «Sous le soleil de Satan», chega a não confiar sequer na alegria; tem medo que ela seja uma tentação do Demónio:

«Toute joie est mauvaïse, toute joie vient de Satan».

É porque está dominado pela potência aparente do pecado, que pensa que tem de maldizer a alegria e a esperança.



Também o pároco d'Ambricourt, de «Journal d'un curé de campagne», mostra a angústia e o desespero crescendo numa alma simples e humilde.

«Jamais je ne me suis tant efforcé de prier, d'abord posément, calmement, puis avec une sorte de violence concentrée, farouche et enfin, — le sang-froid retrouvé à grand-peine — avec une volonté presque désespérée (ce dernier mot me fait horreur), un emportement de volonté dont tout mon coeur tremblait d'angoisse. Rien».

E já no fim:

«La prière m'était à ce moment aussi indispensable que l'air à mes poumons que l'oxygène à mon sang. Derrière moi, ce n'était plus la vie quotidienne, familière, à laquelle on vient d'échapper d'un élan, tout en gardant au fond de soi-même la certitude d'y rentrer dès qu'on le voudra. Derrière moi il n'y avait rien. Et devant moi, UN MUR, UN MUR NOIR».

## A força do pecado

A angústia dos santos de Bernanos nasce da consciência do pecado. Tendo o dom de ver com os olhos da alma, vêem o que os outros não vêem:

«Partout le péché crevait son enveloppe, laissait voir le mystère de sa génération: des dizaines d'hommes et de femmes liés dans les fibres du même cancer, et les affreux liens se rétractant, pareils aux bras coupés d'un poulpe, jusqu'au noyau du monstre même, la faute initiale, ignorée de tous, dans un coeur d'enfant».

E esta visão do pecado, que impede de viver, assume um sem número de formas, de que se reveste a revolta primordial do Homem contra Deus.

Através da obra, vemos o autor dominado por algumas dessas formas de pecado.

É sobretudo a luxúria das crianças que fere os «santos» do universo de Bernanos. É bem conhecida a história de Seraphita Dumouchel do «Journal d'un curé de campagne».

A maldade tão precoce, tão lúcida, da pequena que escutou o padre «pelos seus lindos olhos», esta malícia numa alma de criança, tem qualquer coisa de monstruoso, de diabólico. Se a própria infância está contaminada, onde encontrar a nascente de pureza, essa fonte viva de que a alma mais santa tem necessidade para se saciar?

Bernanos restitui ao drama da luxúria o seu significado trágico. Se é verdade que o poder de dar a vida se liga no homem à mais íntima participação que ele possui com Deus (porque Deus é essencialmente aquele

que por amar dá a vida), tudo o que vicia esta vocação, ataca a própria raiz do ser humano.

Impressiona-o também profundamente esse crime do mundo que é o esmagamento das crianças, esse destruir dos pequenos pelos grandes, negando-lhes a afeição a que têm direito, lançando-os por todos os meios no pecado do desespero. E a pobreza no mundo, ao mesmo tempo que é um aspecto do domínio dos «grandes sobre os pequenos» é também em Bernanos um desses laços misteriosos em que se consoma o mistério da iniquidade e em que se realiza igualmente o mistério da graça. Todos os santos de Bernanos são pobres física e espiritualmente, têm essa simplicidade de alma, a ausência de defesa, a ingenuidade que acompanha a verdadeira pobreza, que é bendita de Deus. Esses milhões de pobres que o universo deixa vegetar actualmente, aquilo que é aparentemente massa amorfa perdida na imensidão, aparece misteriosamente junta a Cristo:

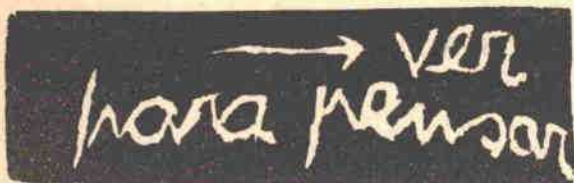
«...Pourtant je crois qu'une telle misère, une misère qui a oublié jusqu'à son nom, ne cherche plus, ne raisonne plus, pose au hasard sa face hagarde, doit se réveiller un jour sur l'épaule de Jesus-Christ».

Não podemos deixar de aludir também a um tema que enche igualmente a obra de Bernanos: a agonia, a angústia da morte. Todos os heróis de Bernanos têm medo de morrer. O padre Chevance diz a Chantal de Clergerie, sua filha espiritual, que lhe é difícil morrer». O padre Donissan morre sozinho no confessional, sem que o leitor saiba se ele venceu a tentação do desespero. O pároco de Ambricourt, na altura em que o médico lhe diz que tem um cancro, «não pensa em Deus», descobre que ama a beleza do mundo, de que nada recebeu, sente-se cheio de nostalgia diante da estrada e põe-se a chorar. Blanche de la Force, a jovem carmelita, recua diante do voto do martírio.

Apesar do trágico destas considerações, é impossível colocar Bernanos entre os pessimistas. O homem nele era robusto: as suas primeiras actividades mostram-no em plena polémica.

Bernanos não representa evidentemente a única maneira de incarnar a fé cristã. Claudel e Péguy completariam útilmente as perspectivas. Mas a verdade é que a sua visão cristã atinge em profundidade o essencial e esse essencial revela ser a forma de fé de que precisamos mais.

(continua na página 28)



## Fangio

O ás da velocidade ao volante. Fora da complicada vestimenta de automobilista das centenas à hora — vestimenta que lhe dá um ar de anfíbio —, um «gentleman».

Nas recentes corridas de Cuba, foi raptado. Emulação desportiva? Ou talvez vontade «política» de transformar a corrida num fracasso. Aquelas paragens andam muito «sísmicas», politicamente. E esse desejo de fracasso foi em parte satisfeito pelas mortes e ferimentos originados pelos desastres das corridas. Há meses, o desastre da corrida de Le Mans (fortuito, esse), espan-tou e comoveu o mundo.

A cena, fortuita ou não, repete-se. Já por várias vezes (1) o Santo Padre se insurgiu contra os excessos de velocidade, na estrada ou na pista — um dos modos de violar o 5.º mandamento, de atentar contra a vida humana, própria e alheia.

Fangio, o ídolo

Para além (ou para quem?) de tudo isto:

— positivo: a atracção da velocidade, talvez inconsciente procura de infinito.

— negativo: a indiferença, a profanação quase, do 1.º dos dons: a vida.

M. A.

(1) Em Setembro de 1957 e no recente discurso ao clero em Roma, no início da Quaresma de 1958.

50 %

De cerca de 800 raparigas que participaram nas Jornadas Universitárias de Fátima, 50 %, ao terem de optar por uma das sete sessões parciais do 2.º dia, escolheram, à uma, a que se ocupava do tema «famílias».

A percentagem afigura-se-me, além de re-tumbante, significativa.

Evidentemente que não é ao plano individual que eu comento o facto. Acho perfeitamente razoável e legítimo que A ou B ou Y tenha preferido a família à profissão, tal como eu própria escolhi, por exemplo, a vida cívica. O que me parece digno de registo, sintomático de uma mais ampla constatação que se nos impõe fazer, é o tema ter sido de tal modo objecto de opção das nossas universitárias. E para além da família?

Longe de mim minimizar a importância (vital, até ao fim dos tempos) de tal problema, ou tão-pouco a urgência da rapariga universitária adquirir consciência viva de todas as responsabilidades que a vida de família comporta, e, conseqüentemente, a necessidade de se preparar de uma forma séria e profunda para ela. A guerra que o mundo de hoje, eivado de materialismo prático, faz à família, é prova por demais clara que ela permanece a comunidade-base sobre que há-de assentar uma sociedade estável e fiel à dignidade essencial da pessoa humana.

Receio, porém, que a quase totalidade das raparigas que lá estiveram (ou, pelo menos, a maior parte) esperassem ir ouvir o que habitualmente se designa por «casos concretos» (impossíveis, aliás, de ser postos numa reunião deste carácter), os quais, tratando-se da família, seriam casos pessoais vividos, situações particulares, que se queriam ver catalogadas e classificadas com alíneas, «atitudeszinhas» que se gostariam de ver sancionadas no seu conteúdo moral, para se poder ficar descansado a seu respeito.

Esperava-se, talvez, a oportunidade de saborear, como se fosse um belo reбуçado, e à maneira de adolescente, um assunto em casos, que normalmente aguçam o apetite e arrastam tão agradáveis associações.

Apenas adolescências ainda não ultrapassadas? Prolongamentos dela já um tanto ou quanto... doentios? Ou antes — sem excluir contudo a 1.ª hipótese — tremenda falta de abertura para as outras grandes questões universais e actuais, lamentável atrofia de interesses, exclusiva curiosidade pelo imediato, uma nova situação de vida que para muitas está próxima, sem a abranger porém na óptica da sua plena dimensão humana e sobrenatural? Coisas em que vale a pena pensar...

# de quem se fala

## Maria Menighini Callas

Era uma vez um menino que, por brincadeira, costumava gritar: «Acudam ao fogo!». Acorria a mãe, acorriam os vizinhos, e o menino achava aquilo muito engraçado: tinha-os feito acorrer a um engano, com um simples grito! Mas a mãe do menino e os vizinhos não achavam graça: tinham-se incomodado para nada.

Um dia o menino acendeu um fósforo, assustou-se, deixou-o cair, pegou o fogo à colcha da cama. Quando viu a labareda, gritou: «Acudam ao fogo!» Mas ninguém veio, porque todos sabiam das brincadeiras do menino.

E o menino morreu queimado, porque a mãe o tinha deixado fechado em casa.

Maria Callas, de família grega, passou a infância nos USA. Era uma criança de uma gordura monstruosa. Desprezada por todas as colegas. Tinha uma voz maravilhosa. Mas isso que valia? Tudo se ria quando aquele mastodonte abria a boca. Creio que a vi num documentário dessa época no Parque-Cine da Figueira da Foz. Quando uma menina de catorze anos, quadrada, com uma voz prodigiosa, apareceu na tela, foi uma explosão de gargalhadas! A educação artística da maioria não permite uma liberdade de apreciação das qualidades, quando são acompanhadas de defeitos — mesmo que não tenham nada a ver com elas.

Maria foi a Itália, pátria do bel-canto. Por toda a parte a sua voz cheia de promessas passava quase despercebida. Não a sua gordura.

Até que finalmente viu-a e ouviu-a um sujeito que tinha pouco que ver com a ópera: o rico construtor Menighini. Viu-a, descobriu-a, fê-la seguir dietas e tratamentos, ter lições intensivas de canto e casou com ela. E apresentou ao público Maria Menighini Callas, elegante, com uma voz rica, de uma grande extensão, cheia de timbres quentes e vibrantes. O público aplaudiu. Mas a borboleta, que tinha sofrido no acrisolamento dos anos de troça, e dos anos de trabalho, quis fazer pagar caro os sofrimentos passados.

E nasceu a Prima-dona Callas, a caprichosa, a violenta, a «quero-posso-emanando». E surgiram os escândalos, que se foram tornando publicitários...

A guerra com Renata Tebaldi, em que Elsa Maxwell quis fazer de mediadora; a expulsão de um tal Soardello do «Met» de New York, só pela simples razão de ele ter dado umas notas mais altas do que convinha à diva, que com ele cantava um dueto da «Lucia»; as dezenas de casacos de peles; a recusa de pagar ao empresário (com razão, ou sem ela?); a questão por causa do desaparecimento da almofadinha do cão...

Tudo isto culminou no escândalo de Roma, de 2-II-1958. Maria deixou a «Norma» no fim do 1.º acto. Parece que estava com gripe. E a ópera de Bellini, começando logo com a acrobática ária «casta Diva», quando a voz ainda está «fria», é de arrasar. Parece que Maria, por uma vez, teve desculpa. Mas ninguém acreditou. Roma, que na véspera a acolhia como «nacional», passou a chamar-lhe «grega».

E quem teve sorte foi Anita Cerquetti, outro monstro de gordura — que beneficiou da desgraça da Callas para



fazer apreciar a sua voz sem atenção à gordura.

Há quem fale agora no drama da Callas, pois diz-se que ela se terá de se sujeitar ou a engordar, ou a perder a voz...

Entretanto, a publicidade feita pelos escândalos produz os seus frutos: Maria cantou em S. Carlos na presente temporada. Por mim... estive cinco horas na «bicha», e quanto à Callas fiquei a ver navios...

Se fosse enquanto a Callas era gorda...

Se ela não tivesse feito tantos escândalos...

Que pobreza espiritual toda esta história significa!

Ouvimos a Callas. Em S. Carlos, ou pela T. S. F. Ouvimos a sua voz de anjo. Mas reparem nessa voz, e digam-me se não lhes parece que é uma voz que à força de querer ser pura, se esqueceu de ser meiga. Porque eu acho — e isto é uma opinião muito pessoal — que a voz de Maria reflecte a sua personalidade: uma pessoa que se entusiasma e sofre apenas com os sucessos pessoais. Com os outros ... que se ralem os outros. Não interessam. Talvez isto mesmo se note no seu casamento com Menighini.

Aliás, só Deus sabe.

M. A. G.

(continuação da página 18)

valor em si, descobriram também a beleza dos temas quotidianos e aparentemente banais.

Basta lembrarmo-nos da série de quadros que Monet pintou sobre a Gare Saint Lazare, em que o tema é exclusivamente constituído por carruagens e fumo, ou ainda a sua série da catedral em que o esforço para uma pintura pura e sem objecto, quase se realiza inteiramente.

Dos restantes que aqui apontámos, Degas e Lautrec são dois repentistas que procuraram imobilizar no quadro o movimento exterior e dramático das figuras.

Documentalistas, têm ambos na sua pintura algo de cinematográfico e esse mesmo desejo de imobilizar o efémero, a par de um uso da cor clara, é o que os liga ao impressionismo.

Cézanne, Van Gogh e Gauguin só com muito boa vontade se podem enquadrar no impressionismo.

Efectivamente, o que nos deixaram não tem medida nem se deve inteiramente ao que receberam do impressionismo.

Eles foram realmente a charneira sobre a qual se fechou a pintura do século XIX e por isso também os verdadeiros pioneiros e profetas da pintura de hoje.

JOSÉ ESCADA

(continuação da página 13)

Realiza-se na Bélgica, em Wavre-Notre Dame (parte de Málmes), de 19 a 23 de Agosto deste ano, um encontro internacional de amizade promovido pela F. M. J. F. C. (Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas). Compreenderá uma visita à Exposição Universal e uma excursão pela Flandres, além de possibilitar contactos com raparigas católicas de todas as nacionalidades e uma troca de experiências de apostolado, sempre tão enriquecedoras.

Se está interessada nas condições, deve dirigir-se a:

Direcção Geral da JUCF  
Av. Duque de Loulé, 90, r/c D. — LISBOA

volvimento completo — porque só nessa base pode ser formado o carácter e definida a linha de rumo, original e única, da personalidade de cada um. Mas, evidentemente, não basta desenvolver qualidades naturais. Para além delas, ainda que tomando-as por base, há que situar

a preocupação do exercício constante, persistente, das virtudes sobrenaturais, que dão a todo esse ideal de Verdade, de Bem, de Pureza e de Beleza, de que atrás falava, a sua autêntica dimensão cristã, com o sentido de transcendência que lhe é inerente por natureza.

A educação cristã assenta numa trilogia: teocentrismo, cristocentrismo, eclesiocentrismo

Esse sentido de transcendência assenta numa trilogia básica, para a qual converge toda a orientação do processo educativo: teocentrismo, cristocentrismo, eclesiocentrismo.

A Educação cristã é *teocêntrica*: envolve uma visão e compreensão do Universo, do Homem e da Vida à luz de Deus, a cuja própria imagem e semelhança o ser humano foi criado. É *cristocêntrica*: visa, essencialmente, «... formar o mesmo Cristo nos regenerados pelo Baptismo». Cristo é o grande Pedagogo; e sendo, Ele próprio, «o Caminho, a Verdade e a Vida», incarna, na sua Pessoa e na sua vida, todo o ideal da Educação cristã. — A Educação cristã é *eclesiocêntrica*: a Igreja é a condutora do Homem a Cristo e, por Ele, ao Pai. Só Ela dispõe dos meios que tornam possível ao Homem elevar-se, por Cristo, até Deus, numa sobrenaturalização da sua própria natureza, com todas as suas capacidades e imperfeições, com todas as suas fraquezas e potencialidades.

A educação cristã é função social

Também só na Igreja se concretiza, do modo mais perfeito e no sentido mais profundo, o ideal verdadeiro de *comunidade humana*, a cuja luz tem de situar-se o Homem, já que este não pode ser visto isoladamente como simples indivíduo singular, mas tem necessariamente de ser encarado como membro da sociedade de que faz parte.

É por isto que toda a acção educativa — e, na Educação cristã, surge, assim, este aspecto em toda a sua dimensão — tem de ser função eminentemente social. Porque não pode conceber-se a pessoa humana desenraizada da sociedade que a integra naturalmente e que pode dar-lhe condições para uma mais completa realização pessoal, afirma também a Encíclica «Divini Illius Magistri»: «A Educação é obra necessariamente social e não singular. Ora são três as sociedades necessárias, distintas e também unidas harmonicamente por Deus, no meio das quais nasce o homem: duas sociedades de ordem natural, que são a família e a sociedade civil; a terceira, a Igreja, de ordem sobrenatural».

Tal como é definido na mesma Encíclica, a missão de educar compete, pois, a essas três instituições: «... a Educação que considera todo o homem individual e socialmente, na ordem da natureza e da Graça, pertence a estas três sociedades necessárias, em proporção diversa e correspondente, segundo a actual ordem da providência estabelecida por Deus, à coordenação dos seus respectivos fins».



**Papel da Igreja, da Família e do Estado na Educação**

Vejam os traços muito gerais, como se fundamenta e qual o âmbito em que se situa a acção de cada uma destas instituições relativamente à missão de educar.

Os direitos da Igreja neste campo surgem, na ordem axiológica, em preeminente lugar, «por dois títulos de ordem sobrenatural, que lhe foram exclusivamente conferidos pelo próprio Deus; ... o primeiro provém da expressa missão e autoridade suprema de magistério, que lhe foi dada pelo seu divino Fundador; ... o segundo título é a maternidade sobrenatural, pela qual a Igreja, Esposa imaculada de Cristo, gera, nutre, educa as almas na vida divina da Graça, com os seus Sacramentos e o seu ensino». (*Div. Ill. Magistri*).

O âmbito da acção da Igreja na Educação é, assim, o mais vasto, tanto em extensão (porque se dirige a todas as classes e a todos os povos) como em profundidade (porque atinge o Homem total, no que ele tem de mais profunda e autenticamente humano). Na ordem concreta, e com vista a esse objectivo, «... É, pois, com pleno direito que a Igreja promove as letras, as ciências e as artes, enquanto necessárias ou úteis à Educação cristã e a toda a sua obra para a salvação das almas, fundando e mantendo até escolas e instituições próprias, em todo o género de disciplina e em todo o grau de cultura» — conforme diz o *Código de Direito Canónico*.

Quanto ao papel que cabe à Família na missão educativa — embora situan-

do-se, na ordem axiológica, em segundo lugar, relativamente aos direitos da Igreja nesta matéria — é, sem dúvida, no plano natural e na ordem cronológica, normalmente o primeiro a ser exercido, o que lhe confere um significado e uma importância muito especial. Diz Pio XI, na citada Encíclica, que já tem sido, com razão, chamada a «carta magna» da Educação cristã: «À Família, na ordem natural, Deus comunica imediatamente a fecundidade, que é princípio de vida, e, por isso, princípio de educação para a vida, simultaneamente com a autoridade, que é princípio de ordem». «O primeiro ambiente natural e necessário da Educação é a Família, precisamente a isto destinada pelo Criador».

Trata-se, afinal, de um direito que é um dever inalienável, cujo cumprimento se reveste da maior importância e gravidade, principalmente porque à Família cabe a primeira fase — sempre decisiva — da tarefa a realizar no sentido da formação da personalidade da criança, desde muito cedo a manifestar-se de forma incipiente, já dominada por inclinações naturais, frequentemente desviadas.

De certo modo, a acção que cabe ao Estado na Educação apresenta-se com um sentido diferente, que também Pio XI define nestes termos: «Estes direitos são concedidos à sociedade civil pelo próprio Autor da natureza, não a título de paternidade, como à Igreja e à Família, mas sim em razão da autoridade que lhe compete para promover o bem comum e temporal, que é precisa-

mente o seu fim próprio». Tal autoridade deve exercer-se especialmente no sentido de favorecer e proteger, em todos os aspectos, a acção da Igreja e da Família com vista à educação dos seus membros; e, por outro lado ainda, pode e deve surgir como função supletiva, nos casos em que, por quaisquer circunstâncias, a Igreja ou a Família vêem inibida ou dificultada a missão de educar, que, por direito, em primeiro lugar, a ambas compete.

Evidentemente que, com isto, não se põe como puramente passiva a atitude do Estado em face da Educação, até mesmo porque o próprio Estado, como tal e na prossecução do bem comum, pode legitimamente exercer a função educativa, por forma activa e directa, através das instituições que dele dependem — *contanto que a sua acção, nesta matéria, se não sobreponha abusivamente nem venha a constituir-se em monopólio e a entrar em conflito ou mesmo a contrariar de todo os direitos primordiais da Igreja e da Família num sector que, acima de tudo, lhes é próprio.*

★

Estes apontamentos não conseguem focar todos os aspectos do tema abordado aqui — nem, muito menos, o esgotam. Contribuirão talvez, no entanto, para dar uma ideia da magnitude do problema, em si mesmo e nas suas consequências decisivas, não só na vida do Homem singular como nos destinos da comunidade universal.

Que estas reflexões contribuam assim,

ao menos, para nos situar conscientemente dentro da responsabilidade que nos cabe neste campo e para nos levar a assumir decididamente, em relação a ela — no âmbito mais ou menos vasto, na medida mais ou menos directa a que a isso formos chamados — um compromisso sem reservas. Porque colaborar, sob qualquer aspecto (tanto no domínio dos princípios orientadores como no da actuação concreta), e em qualquer grau que seja, na grande tarefa de reintegrar a Educação numa linha de rumo genuinamente cristã, é contribuir para dar a Cristo o mundo dos nossos dias — para dar a Cristo um mundo novo em formação.

MARIA CELESTE VAZ DE SOUSA

(continuação da página 22)

Estamos pois a chegar ao ponto essencial: Bernanos é o profeta da alegria. É ele que diz: «Le contraire d'un peuple chrétien, c'est un peuple triste, un peuple de vieux».

Mas essa Alegria não é coisa que se descubra assim, já feita. Se o livro mais negro de Bernanos se chama «La Joie» isso quer dizer que ela provém de um paradoxo vivido, o da Cruz de Cristo.

O cristão autêntico sofre portanto a própria agonia de Cristo. Mais ainda, renuncia voluntariamente à alegria, para que os seus irmãos a possuam.

E dando a sua alegria que Chantal de Clergerie faz que o padre Chevance readquirira a fé. Reversibilidade de méritos, comunhão dos santos no corpo de Cristo que é a Igreja, é esta a lição central de Bernanos.

E nesta renúncia voluntária à Alegria está a Cruz que opera a redenção, a Cruz de uma Páscoa que só será contemplada verdadeiramente na glória do Reino.

(Tradução e adaptação do livro de Charles Moeller, Littérature du XX<sup>e</sup> siècle et christianisme. Paris, 1958).



# que lhe parece?

*Uma nova secção aparece; a partir de agora, será preenchida com as opiniões dos leitores. Opiniões sobre a existência, missão, conteúdo... enfim, tudo o que se possa relacionar com a «Presença», de longe ou de perto. Para que o nome de «Presença» não seja um mero rótulo. Para que a «Presença» esteja presente entre os universitários, e estes estejam presentes na «Presença».*

*Não guarde para si os comentários: escreva à «Presença» (anònimamente, se preferir!) Não guarde os comentários para o colega do lado: deixe que todos os universitários os conheçam!*

*A «Presença» espera numerosa correspondência! E espera muito dela: novos horizontes, aperfeiçoamento sob todos os pontos de vista, maior abertura para os problemas que interessam o universitário 1958.*

**Não se cale: escreva à «Presença»:**

Avenida Duque de Loulé, 90, r/c. D.º

LISBOA



que lhe parece?

## Fundação Cuidar o Futuro